

UM IMPACTO AMBIENTAL IMINENTE: A EXTINÇÃO DOS BOTOS NA AMAZÔNIA

Antonio Carlos Batista de Souza¹
Ana Paula Bastos da Silva²

Resumo

A literatura amazônica foi construída dentro de um espaço mítico. Sobre o geográfico-cultural sobressaíram os devaneios que construíram as primeiras figuras de um imaginário idílico: as Amazonas, o Eldorado e o Maligno. A cultura amazônica desde a chegada dos primeiros navegantes apresentou um discurso delirante sobre a água e a floresta. Nessa simbiose de inferno e paraíso emergiram as lendas como a do boto, com o poder de se metamorfosear, seduzir e engravidar as mulheres. Mas esse universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização introjetando uma visão de mundo que considera o poder do pajé, as crenças e lendas como superstições que devem ser evitadas na busca do conhecimento verdadeiro. Este corte está diretamente relacionada com o avanço do protestantismo à visão de mundo católica. O objetivo é relacionar essa ruptura com o mais recente impacto ambiental na Amazônia, caracterizado pela matança de botos utilizados como isca para a pesca do peixe liso. Estudos demonstram que a população de botos na região caiu pela metade nos últimos dez anos devido à caça predatória. Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória com análise bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas que investigam as transformações regionais. Posteriormente a partir de uma análise documental, de forma qualitativa e quantitativa, comparou-se as múltiplas realidades que estão entrando em conflito. O estudo sugere um trabalho de educação ambiental na região para que sirva de base para mais pesquisas científicas e políticas públicas a fim de prevenir impactos negativos nas atividades pesqueiras.

Palavras- chave: literatura amazônica, lenda do boto, extinção do boto, impacto ambiental.

Introdução

Dos vários conceitos para lenda, o folclorista Câmara Cascudo descreve-a como:

Episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, 'legere', possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características do conto popular (*marchem, folk-tale*): Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade (CASCUDO, 1972, p. 511).

O lendário brasileiro é uma fusão das lendas indígena, negra e europeia. Ditos que as pessoas repetem, de uma sabedoria de autor sem nome (BRANDÃO, 1982). A título de exemplo, a lenda da Mãe d'Água seria uma fusão da indígena Iara, da africana Iemanjá e da mitológica sereia, habitante dos oceanos que seduzem os navegantes com o seu canto.

¹ Mestre, Instituto Federal do Amazonas - IFAM, E-mail: antonio.souzaifam@gmail.com

² Graduanda, Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO, E-mail: ana.bastos24paula@gmail.com

O folclore das populações da Amazônia se compõem de mitos, fábulas, provérbios, adivinhações, canções, superstições etc. Aqui a influência dos ameríndios é extraordinária. Os mitos, as lendas, o ritual, as danças, as crenças dão certa unidade a essas populações. Sabemos que o valor de certos grupos humanos residem nessas bases folclóricas. Os grandes aspectos das culturas humanas têm fundamento em certos pontos folclóricos (ARAÚJO, 1956).

Corroborando com a afirmativa acima, a escritora Nilza Megale no livro *Folclore Brasileiro* destaca que:

No Brasil as lendas podem ser classificadas em litorâneas e da Zona Central. A vizinhança do mar traz maior liberdade para fantasias, dá aos pescadores a intimidade com as estrelas, com o sol e com o fundo do mar. Na Zona Central os contos e as lendas versam sobre estórias do boi, do cavalo, dos bichos em geral, assim como dos rios secos e dos tesouros escondidos (MEGALE, 1999, p. 50).

As lendas amazônicas agregaram, de certa forma, o imaginário idílico regional num suprasumo representado pelo mito das Amazonas, o Eldorado e a onipresença do Maligno (Pizarro, 2012). É importante que se ressalte que o diabo é grande personagem de lendas, porque, embora ele não seja personagem histórica, simboliza a luta entre o bem e o mal e, de acordo com a sabedoria popular, nas estórias o demônio sai sempre derrotado (MEGALE, 1999).

Usadas para justificar fatos e acontecimentos, lendas são manifestações da cultura de um povo. São a síntese da tradição oral de cada lugar, irmanadas em três pilares intrínsecos: tradição, folclore e mito (REIS, 2008).

Nesse viés interdisciplinar, encontramos nos registros de Brandão (1982, p. 35) uma observação inerente ao debate proposto, ao asseverar que:

Do ponto de vista rigoroso, são propriamente folclóricas as toadas, cantos, lendas, mitos, saberes, processos tecnológicos que, no correr de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de geração a geração, foram incorporados ao modo de vida e ao repertório coletivo da cultura de uma fração específica do povo: pescadores, camponeses, lavradores, bóias-frias, gente da periferia das cidades. Mas, de um ponto de vista mais dinâmico, o folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura popular e incorpora aquilo que, sendo ainda de um autor conhecido, já foi coletivizado, incluído no “vivido e pensado” do povo, às vezes até de todos nós, gente “erudita” cuja vida e pensamento estão, no entanto, tão profundamente mergulhados nesse ancestral anônimo que nos invade o mundo de crenças, saberes, falares e modos de viver.

Adentrando no universo das lendas brasileiras, em Amostra do Populário Maranhense, José Ribamar Sousa dos Reis destaca o esmero trabalho do folclorista Antônio Perdigão ao

esquematar as lendas mais populares do Brasil por regiões. A tabela 1 apresenta-nos o resultado desse levantamento:

Tabela 1- As lendas mais populares do Brasil por regiões

Região	Lendas
Norte	Boto, Muiraquitã, Origem do Pirarucu, Vitória-Régia, Saci Pererê, Boitatá, Mapinguari, Origem do Peixe-Boi, Capelobo, Caipora e Curupira, Lobisomem, Origem da Mandioca, Mula-sem-cabeça, Onça Maneta, Onça-boi, Origem da Lua, Iara, Origem do Guaraná, Origem do Sol, Diabinho da Garrafa, Cuca, Bicho-papão, Matina Perêra e Cobra - Honorato.
Nordeste	Vaqueiro Misterioso, Mula-sem-cabeça, Negro d'Água, Cabra Cabriola, Quimbungo, Diabinho da Garrafa, Lobisomem, Cuca, Saci Pererê, Capelobo, Origem da Mandioca, Caipora e Curupira, Bicho-papão, Cabeça-de-cuia, Bicho-homem e Alamoá.
Centro-Oeste	Saci Pererê, Negro d'Água, Caipora e Curupira, Onça-maneta, Arranca-línguas, Onça da Mão Torta, Cuca, Lobisomem, Diabinho da Garrafa, Bicho-papão, Mula-sem-cabeça e Mãe-do-ouro.
Sudeste	Onça Maneta, Procissão das Almas, Bicho-papão, Mão de Cabelo, Lobisomem, Caipora e Curupira, Cuca, Saci Pererê, Mula-sem-cabeça, Negro d'Água, Quimbungo, Diabinho da Garrafa e Porca dos Sete Leitões.
Sul	Saci Pererê, Negrinho do Pastoreio, Bicho-papão, Caipora e Curupira, Procissão das Almas, Cuca, Mula-sem-cabeça, João de Barro, Gralha Azul, Mão de Cabelo, Pé-de-garrafa, Lobisomem e Diabinho da Garrafa.

Fonte: Reis, 2008 (adaptado).

Analisando a tabela 1 com a coletânea das inúmeras lendas que povoam o imaginário brasileiro, algumas curiosidades vêm à tona. Aquilo que de início pode parecer irrelevante. A lenda do Diabinho da Garrafa está presente em todas as regiões. Mas a lenda do Boto, da Vitória Régia e do Boitatá encontram-se, em destaque, uma única vez, na região Norte. Seriam essas lendas genuinamente amazônicas?

Em diversas regiões praianas maranhenses, as comunidades têm os maiores cuidados com o aparecimento dos botos conquistadores. Conta-se que, em determinado dia do ano, onde existe habitat de botos, essa espécie marinha se disfarça em ser humano, homens jovens e louros, fantasiados com chapéu de fitas coloridas, e sai para conquistar as mulheres praianas virgens e bonitas. Tornam-se rapazes falantes, elegantes e, rapidamente, conquistam as mulheres, presenteando-as com brilhantes, jóias e sedas raras. Quando as mulheres se dão conta, já estão grávidas e as pobres se danam a chorar e a se maldizer enquanto os danados dos botos, dentro d'água, se alargam a dar risadas, dando viva a mais algumas belas mulheres desvirginadas (REIS, 2008).

Elaborando uma descrição sobre o tema, o estudioso da cultura paraense Ararê Bezerra apresenta-nos a seguinte análise:

Nos mitos e lendas da Amazônia vamos encontrá-los com características regionais mesmo sendo GERAIS, dependendo do grupo étnico e da influência dos imigrantes a esta região. Como exemplo podemos citar: o Curupyrá que no nordeste é conhecido como CAAPORA e anda em um porco branco, grande, à frente da vara de Caititús. O lobisomem, em outras regiões é visto como lobo, e na Amazônia como porco ou onça. Sofrem a influência sem entretanto perderem as suas características (BEZERRA, 1985, p. 15).

Tradição, folclore ou mito, o boto criação de um mundo imaginoso e fantasista pouco a pouco começa a perder a redoma protetiva de um delírio crônico (LAJOLO, 1986) porque o mais recente comportamento territorial na Amazônia caracteriza-se justamente pela matança de botos utilizados como iscas para a pesca de espécies de peixe liso como a piracatinga (*Calophysus macropterus*).

Não mais um mito, apenas um cetáceo

Na busca desse nexos causal dois eventos aparentemente distintos e, à primeira vista, dissociados podem estar na gênese/hipótese da ação predatória sofrida pelos botos mortos e esquarterados para servirem de isca para a pesca dessa espécie de peixe liso: (1) a pressão da pesca comercial sobre o ambiente aquático amazônico e (2) uma mudança de paradigma ocasionado pelo avanço do protestantismo dentro das comunidades tradicionalmente católicas.

Pouco a pouco esse universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização. Essa ruptura com o presente está diretamente relacionada com o avanço do protestantismo à visão de mundo católica fragilizando e tensionando esse tradicional modo de vida, pois:

O protestantismo ameaça toda existência e o movimento histórico do meio de vida rural. A conversão exige uma ruptura radical em relação ao presente. Especifica uma série de mudanças na vida pessoal e no comportamento corporal, tais como quais alimentos podem ser consumidos, que roupas podem ser usadas, a proibição em relação a bebidas, ao cigarro, ao adultério, a brigas e festas católicas. A participação na maior parte dessas atividades é essencial para a vida cotidiana, conforme percebido pelos católicos. O que também é perdido na conversão é o conjunto de crenças associadas ao ambiente encantado. Os protestantes consideram as histórias sobre o boto e outros seres (a cobra grande etc.), o poder do pajé, a panema, e assim por diante, como superstições que devem ser descartadas na busca pelo conhecimento verdadeiro (HARRIS, 2006, p. 97).

A Igreja Católica ao longo de séculos conseguiu manter uma presença estratégica na região com um catolicismo popular simbolizado pelas festas de santo, novenas, rezas de terço,

ladainhas e procissões. Contudo, como afirmado, o avanço do protestantismo na região chega questionando dogmas e crenças e, de certa forma, a estrutura socioeconômica.

Assim, os avanços tecnológicos na pesca ocorrem simultaneamente com o crescimento da população urbana das cidades amazônicas e, por conseguinte, do aumento da demanda por peixe. As exportações de peixes para os mercados nacional e internacional, sobretudo os peixes de couro/liso, principalmente a partir da década de 1980, impulsiona ainda mais essa demanda (McGRATH, 1993).

Essas transformações que estão mudando radicalmente as formas de manejo, causando uma maior pressão sobre o estoque de pescado resultam muito além de uma transformação cultural e socioeconômica. Perpassa a mudança espacial provocada pela chegada dos barcos motorizados, do aparecimento da malhadeira, ou dos conflitos nos lagos representados pelos pescadores tradicionais versus os pescadores profissionais embarcados.

Nasce a hipótese que o avanço da pesca comercial e, por conseguinte, da instalação de frigoríficos em busca, preferencialmente, do peixe liso tem uma relação direta com o “sumiço” da fé nos santos, e a perda do medo nas “visagens”. Que o imaginário não tem o poder que lhes é atribuído. Que tais crenças entram em choque com a Bíblia Sagrada. E, no caso em questão, que o boto, malicioso, com poderes sobrenaturais de se metamorfosear em humano, que seduz as mulheres do lugar, e que por isso sempre fez parte do imaginário caboclo não tem os poderes que nossos pais e avós, de geração a geração nos contaram.

O catolicismo é a religião com mais adeptos no Amazonas. Numa proporção de 59,5% de católicos e de 31 % de evangélicos. Todavia, o censo demográfico de 2010 mostra que se consolidou o crescimento da parcela da população que se declara evangélica. Relativamente no Amazonas em 2000 os católicos eram 70,8%, passando a representar em 2010, 59,5%. Por outro lado, os evangélicos passaram de 21% para 31% no mesmo período. Na Região Norte foi onde ocorreu a maior redução relativa dos adeptos do catolicismo.

O avanço da população evangélica dentro do universo católico perpassa muito além de uma mudança censitária. Coincidência, ou não, a pressão da pesca comercial na busca das espécies de peixe liso começaram a ocorrer justamente a partir desse período. Bem como as primeiras denúncias de matança de botos utilizados como isca para a pesca da piracatinga.

Transformações “orquestradas pela fé” que podem estar na contramão daquilo que se entende por comunidades tradicionais, pois um aspecto importante na sua definição estaria o respeito aos ciclos naturais, nunca explorando os recursos além do limite de sua capacidade de recuperação.

De certa forma, o avanço do protestantismo na Amazônia simboliza uma separação/transformação muitas vezes motivada por discordância quanto ao direcionamento religioso. Os motivos religiosos para tal cisão correspondem à reavaliação de valores morais e comportamentais ligados à doutrina religiosa, o que para alguns moradores significava o controle social mais efetivo sobre os fiéis acerca da obediência aos preceitos da palavra de Deus e, para outros, a necessidade de revisão desses preceitos, pois eram muito rígidos (FRAXE et.al. 2009).

Na fauna ameaçada o boto não constava

Construindo essa elocução, numa referência não muito distante, encontramos em Djalma Batista, já nas décadas de 1960 e 1970, o registro de inúmeras espécies da fauna amazônica ameaçadas por servirem à alimentação humana ou por terem suas peles e couros considerados valiosos no mercado internacional:

Dentre os bichos ameaçados de extinção está em primeiro lugar o peixe-boi. Caçados a arpão os peixes-boi não puderam resistir ao furor predatório. Os quelônios, e especialmente a tartaruga constituíram sempre o pitêu por excelência da cozinha amazônica sofrendo uma tenaz perseguição. Dos répteis, o mais perseguido tem sido o jacaré-açu, contra o qual se organizou uma verdadeira campanha de erradicação (BATISTA, 2007, p. 224-228).

Especificamente sobre os jacarés, acreditava-se que, com a eliminação em massa desse réptil temido aumentar-se-ia a quantidade de peixes na Amazônia, mas o que se viu foi um desequilíbrio ecológico, pois:

Enquanto os jacarés comiam peixes, especialmente os peixes carnívoros, vindo em primeiro lugar as piranhas, diminuía esses vorazes inimigos dos outros peixes: além disso, os sáurios eliminavam fezes, urina, e morriam, com o que adubavam as águas. Diminuindo ou desaparecendo um elo da cadeia, predominou o outro elo, representado pelas piranhas e demais peixes carnívoros. E assim se compreende porque não aumentaram, com ataque feroz aos jacarés, os estoques de peixes nos lagos e rios da Amazônia (BATISTA, 2007, p. 228).

As cobras, como as sucuris e jiboias, tiveram a mesma sina dos jacarés: a procura por suas peles,

Para atender a vaidade das elegantes do Rio e sobretudo de Buenos Aires, Nova Iorque, Paris e outros grandes centros da moda, transformados os seus couros em sapatos, bolsas, carteiras e cintos, que enriqueceram muita gente, mas mantiveram o homem da Amazônia, destemido e imprevidente caçador de jacarés, na mesma situação de pobreza e abandono, sem nada lhe melhorar a vida sem horizontes (BATISTA, 2007, p. 229).

Nesse estudo deixado por Djalma Batista pode-se perceber a sua preocupação diante da fauna ameaçada. Sirênios, quelônios, répteis, felinos, sobretudo a onça-pintada, usada na fabricação de casacos. Macacos de várias espécies encontraram outro caminho de extermínio: a exportação para os museus e viveiros americanos, saindo legal e ilegalmente (BATISTA, 2007). Outros animais, principalmente mamíferos, por sua pele ou carne, adentraram na lista dos ameaçados de extinção: lontra, ariranha, capivara, veado e caititu. Entre as aves já existe uma inscrita entre as espécies ameaçadas de extinção: o gavião real. Outro grupo parece que já recebera uma sentença sem volta: o cachorro-do-mato, o tatu-canastra e o tamanduá-bandeira.

Numa atenciosa observação da obra *O complexo da Amazônia* de Djalma Batista (2007), mais especificamente no capítulo II (O Duelo com a Natureza) onde o autor destaca a fauna ameaçada, verifica-se o registro de pelo menos 15 espécies em eminente risco de desaparecerem. Fruto de um levantamento estatístico iniciado nas décadas de 1960 e 1970. Aves, répteis, mamíferos, e peixes materializando a destruição de um ecossistema. Contudo, nesse desequilíbrio catalogado, em nenhum instante cita-se o boto entre as espécies em perigo.

Essa história começa a tomar um novo rumo com a pressão provocada pelo *boom* da pesca do peixe liso, sobretudo da piracatinga.

Denominada de “urubu do rio” ou “urubu d’água” pelos pescadores da região por alimentar-se de animais mortos, a piracatinga transformou-se em produto de apreciação gastronômica com o pseudônimo de “filé de douradinha”.³

Mesmo com o Decreto de 21 de julho de 2014 pelos Ministérios da Pesca e Aquicultura e Meio Ambiente restringindo por cinco anos a pesca da piracatinga, e que desde 1º de janeiro proibiu a retenção, bordo, transbordo, desembarque, armazenamento, transporte, beneficiamento e comercialização dessa espécie de peixe em todo o Brasil, teme-se a vulnerabilidade, ou pouca eficácia da lei, diante dos mecanismos utilizados para burlá-la e, dessa forma, continuar com o crime ambiental em que botos são usados como isca na pesca desse bagre.⁴

³Por alimentar-se da carne de animais mortos, certamente haveria uma grande rejeição nas feiras, mercados, restaurantes etc a esse tipo de peixe. Ao se utilizar a denominação “filé de douradinha” no preparo desse prato, acaba-se por mascarar duas realidades: a de que se está consumindo um peixe de hábitos carnívoros, pouco recomendado por nutricionistas, pois tende a concentrar níveis elevados de metais pesados e outros contaminantes, como o mercúrio; bem como as práticas de manejo para a captura dessa espécie, que utiliza a carne do boto como isca.

⁴Na verdade, nos locais onde inicialmente detectou-se esse crime ambiental (Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, entre os municípios de Tefé, Fonte Boa e Maraã; bem como no município de Tapauá) registra-se, diante das pressões e repercussões geradas, uma maior mortandade de jacarés do que de botos para

O incremento na cadeia da pesca da piracatinga nos últimos anos deve-se a demanda do mercado colombiano, onde o peixe amazônico é bastante apreciado. Justificam-se, assim, as medidas como a moratória do Ministério do Meio Ambiente proibindo a pesca da piracatinga a fim de proteger botos e jacarés. Independente de que tipo de isca é a mais usada, se boto ou jacaré, o preocupante nesse manejo é o uso predatório de animais silvestres para serem usados como isca.

Antropólogos relatam que o povo Sara do Chade tem uma percepção de olhar o tempo diferente. É caracterizada por uma clara orientação para o passado. Os Sara do Chade pensam que o que está atrás dos olhos, e que eles não podem ver, é o futuro, enquanto que o passado se encontra na frente, porque ele é conhecido (LATOUCHE, 2004). A lição que nos é ensinada por esse povo africano é a de que devemos seguir em frente, mas sem esquecermos o passado. Incorporar o tempo passado para refletirmos melhor o tempo presente.

Considerações Finais

De acordo com a Instrução Normativa n.6, de julho de 2014, Golfinhos e jacarés amazônicos são protegidos por lei federal, desde, 1967, e seu uso como isca confere o caráter ilegal desta atividade. Estes animais são suscetíveis ao declínio populacional e consequente extinção, representando a maior preocupação no manejo desta pescaria. Nos últimos anos, as taxas de sobrevivência do boto-vermelho, no médio Solimões, declinaram assustadoramente, levando à proibição dessa pescaria no Brasil.

A população de botos na região caiu pela metade nos últimos dez anos segundo levantamentos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). De acordo com o estudo, eles estão quase em extinção. A pesquisa baseia-se em dados dos últimos 22 anos (1994 a 2017) obtidos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Uma relação direta com a pesca e o uso da carne desse animal como isca. A estimativa feita com base nos dados coletados em Mamirauá indica que o declínio da população de botos-tucuxi ocorre mais rapidamente, com a perda da metade da população a cada nove anos. Já o boto-cor-de-rosa perde metade da população a cada dez anos, segundo o estudo.⁵

Essa atividade influenciada por novas relações capitalistas e caracterizada pela implantação de inúmeros frigoríficos provoca novas territorialidades, mudanças e rupturas

fins de isca na pesca desse peixe liso. Então, por que a morte indiscriminada dos botos sensibiliza-nos, diferentemente dos jacarés? A resposta pode estar, mais ou menos, na metáfora da floresta e da baleia. As queimadas da Amazônia não têm o impacto emocional de chocar o mundo tanto quanto a morte das baleias arpoadas pelos navios de caça. As baleias são “fofinhas” e os botos, primos dos golfinhos, também. Afinal, são mamíferos tal como os humanos.

⁵POPULAÇÃO de botos cai pela metade em 10 anos. Jornal Diário do Amazonas. 06/05/2018.

dentro do território físico e social amazônico colocando em risco, dia a dia, a sobrevivência desse *ser sobrenatural*, que:

De repente não se sabe de onde, nem quem é, aparece vestido de branco e entra na sala atraindo olhares. Avança em direção a uma das raparigas e, tirando-a para dançar, saem rodopiando no salão. Meia noite, apressadamente o rapaz deixa a festa e sai quase correndo para fora da casa, em direção ao rio. As moças saem em seu encalço, juntando-se ao grupo vários homens, estranhando a atitude do rapaz. Já próximo à água, ouvem o baque surdo de um corpo nas águas do rio. Aproximam-se das margens, e a predileta chora de tristeza por ter perdido seu namorado tão bonito (BEZERRA, 1985, p. 62).

A combinação dessas implicações leva-nos a refletir sobre a definição de desenvolvimento sustentável. E o quanto aos poucos essa definição tornou-se uma espécie de clichê, pois a noção de sustentabilidade sugere um tipo de crescimento econômico que atenda as necessidades desta e das próximas gerações e que conserve os recursos naturais. Seja benigno ao meio ambiente e para a sociedade durante longos períodos (EHLERS, 2008). Além disso, pensar sobre o processo de construção das relações sociais dos povos amazônicos é tratarmos de compreender o complexo sistema de organização política, econômica e territorial dessas comunidades, que refletem as condições de apropriação do espaço, de adaptabilidade, e, sobretudo, de subsunção da natureza, mas na percepção de um espaço físico e simbólico, social, no contexto onde se dão as relações, ou seja, no cotidiano dialético entre homem e natureza e principalmente entre os próprios homens no sentido em que se verificam suas práticas socioculturais (RAPOZO, 2015).

Por que há a preferência pela carne do boto nas pescarias locais de piracatinga? Porque como fator fundamental para o sucesso da pesca, ao menos na opinião dos pescadores envolvidos está o tamanho do animal e a quantidade de gordura. Pescarias pouco eficientes, ou mesmo frustradas, são explicadas pelos pescadores com base na captura de jacarés “magros”, ainda que grandes (maiores que três metros). Este fato está associado ao fator de condição dos animais. Na visão dos pescadores que já usaram boto-vermelho para pescar piracatinga, a carne deste animal é considerada como uma das mais eficientes iscas. (BOTERO-ARIAS; FRANCO; MARMONTEL, 2014).

Signatário da Agenda 21, o Brasil comprometeu-se com uma lista de compromissos e ações, entre os quais os de conciliar o desenvolvimento econômico preservando a saúde e os recursos naturais do planeta, objetivando aquilo que na prática chamamos de desenvolvimento sustentável. De modo geral, para nos distanciarmos do discurso e ratificarmos o meio ambiente tanto na sua singularidade, quanto na sua diversidade, necessitamos de forma

objetiva aliar um conjunto de ações em níveis satisfatórios a fim de manter as diretrizes administrativas e as leis ambientais em vigor.

Embora a maioria das medidas de manejo de pesca na Amazônia não serem efetivas devido à falta de fiscalização e à dificuldade em monitorar pescarias muito dispersas, a moratória em vigor tem potencial para ser efetivada considerando que toda comercialização de piracatinga é feita via grandes frigoríficos, relativamente fáceis de serem fiscalizados. Essa medida, no entanto, pode levar ao estabelecimento de uma cadeia de exportação ainda mais dispersa – um cenário no qual a pesca da piracatinga, mesmo proibida, continuaria a ameaçar as populações de golfinhos e jacarés na Amazônia (NUNES et al., 2017, p.25). Dessa forma, configura-se o conflito. São os dois lados de um combate. Chegamos à era da “culturalização” da natureza (BAUMAN, 2012).

Para saber como conhecer melhor, é necessário conhecer melhor como nos organizamos para conhecer. Como se interiorizam em nós hábitos metodológicos e estilos de investigação consagrados pelas instituições e pelos dispositivos de reconhecimento (GARCÍA CANCLINI, 2015). Apesar de tudo, nessa exegese de infinitas reflexões críticas, Santos (2007) recomenda-nos a tarefa de fazermos o trabalho de campo, questionando a tirania do discurso único e assim reconstruirmos o diálogo. Para percebermos que as simbolizações humanas trazem conhecimentos oponíveis, onde:

Para levar o homem ou a mulher à Lua não há conhecimento melhor do que o científico, o problema é que hoje também sabemos que, para preservar a biodiversidade, de nada serve a ciência moderna. Ao contrário, ela a destrói. Porque o que vem conservando e mantendo a biodiversidade são os conhecimentos indígenas e camponeses. Seria apenas coincidência que 80% da biodiversidade se encontre em territórios indígenas? Não. É porque a natureza neles é a “Pachamama”, não é um recurso natural: “É parte de nossa sociabilidade, é parte de nossa vida”; é um pensamento antidicotômico. Então o que tenho de avaliar é se se vai à Lua, mas também se se preserva a biodiversidade. Se queremos as duas coisas, temos de entender que necessitamos de dois tipos de conhecimento e não simplesmente de um deles. É realmente um saber ecológico o que estou propondo (SANTOS, 2007, p. 33).

Como fatos que se perdem na noite do tempo, não há como predizer o futuro. Não há consenso sobre os efeitos das ações humanas no meio ambiente. Haja vista que:

Depois de um período dominado pela busca frenética dos fundamentos sólidos e inabaláveis da ordem humana, consciente de sua fragilidade e carente de confiança, veio um tempo em que a espessa camada de artifícios humanos tornou a natureza quase invisível – e suas fronteiras, entre elas as ainda intransponíveis, cada vez mais distantes e exóticas (BAUMAN, 2012, p. 12).

Atendo-se ao conteúdo ideativo desse estudo, deparamo-nos com cisões macrovertentes a respeito do que está ocorrendo com a população de botos. E nessa diacronia, seja qual for a equação correta, a conta não se fecha, pois para uma integração sustentavelmente harmônica boto x homem, três elementos precisam estar justapostos: equilíbrio ambiental, crescimento econômico e equidade social. Eis o impasse. Como integrar um progresso socioeconômico sem impactar os recursos disponíveis? Infelizmente os erros históricos projetam a sua sombra por muitas gerações (DE MASI, 2000).

E se os botos, bem como os jacarés, pudessem opinar? Se, de fato tivessem tal poder, talvez nos lembrassem dos filósofos pré-socráticos que se dedicaram às questões ambientais, e acreditavam por meio de investigações especulativas que toda a vida em equilíbrio se origina da água. O fim dessa novela trágica seria o retorno à suposta simbiose primitiva entre o homem e a natureza. Mas contrariando qualquer ideia apaixonante, isso é completamente impraticável (VEIGA, 2010) porque os ursos ou as focas polares atingidos pelo degelo, ou os botos e jacarés da Amazônia transformados em iscas, não sabem distinguir os motivos naturais e os antropogênicos (ALMEIDA, 2017). A eles resta confrontar-se com “o caráter irresistível dos impulsos perversos” (FREUD, 2017) alheios à percepção de que um mundo fenomênico que manifesta uma ordem convencional e social humana implícita é um mundo antropomórfico.

Nada é fixo ou concreto. Cada cultura tem sua própria verdade (SANTOS, 1994). De certa maneira, a Amazônia e os povos tradicionais que aqui vivem simbolizam o suprasumo da variedade de modos de vida. Assim, perscrutando nesse universo etnográfico deparamo-nos com a reentrância de um histórico conflito entre pescadores e botos. O que não deveria estar acontecendo partindo da égide do que seria desenvolvimento sustentável, pois entre outras coisas:

O desenvolvimento sustentável procura integrar e harmonizar as ideias e conceitos relacionados ao crescimento econômico, a justiça e ao bem estar social, a conservação ambiental e a utilização racional dos recursos naturais. Para tanto considera as dimensões social, ambiental, econômica e institucional do desenvolvimento. Ainda não foi alcançado um consenso sobre seu conceito, que tem se modificado muito rapidamente, estando em construção. Em termos sociais o desenvolvimento sustentável propõe a repartição mais justa das riquezas produzidas (justiça social), a universalização do acesso à educação e à saúde, e a equidade entre sexos, grupos étnicos, sociais e religiosos, entre outros aspectos. Para ser sustentável o desenvolvimento tem de significar melhoria na qualidade de vida de toda a população, assegurando condições de vida dignas a todos e justiça social. Do ponto de vista ambiental, o desenvolvimento sustentável

propõe a utilização parcimoniosa dos recursos naturais, de forma a garantir o seu uso pelas gerações futuras.⁶[grifos nossos]

Especificamente, a aplicação de desenvolvimento sustentável seja com os aborígenes da Austrália, ou os povos tradicionais da Amazônia, por exemplo, não pode estar dissociado de um conjunto de predisposições culturais. Do contrário, esse conceito torna-se monolítico, restrito e fraco.

A primeira e mais difundida das relações conflituosas sobre o boto refere-se àquela que lhe atribui poderes sobrenaturais de transformar-se em um homem elegante e sedutor de mulheres. O mito vai mais além. Muitas populações nativas abatem esses animais por acreditar que partes de seu corpo são poderosos amuletos. Na Amazônia colombiana há a crença de que eles não podem ser criados em cativeiro, pois lhes cresceriam pernas para correr, ou asas para voar. No Equador e no Peru a proteção a estes animais relaciona-se à crença de que ao que mata um boto pode recair desgraças. Um duplo sentimento de medo e tabu está associado ao boto-vermelho. O que de certa forma protegia-os da caça pelas populações locais.⁷

Contudo, nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental (SANTOS, 1994). Então, as mudanças chegaram. Infelizmente para o pior.

O que está acontecendo com os botos na atualidade é uma cena que se repete em outras partes da Terra. Tomemos como exemplo os tigres da Índia, condenados à extinção devido à caça indiscriminada. Como quesito de bravura os colonizadores ingleses ostentavam suas cabeças qual um troféu. Extinção como sinônimo de esporte aristocrático.

Posteriormente, o mercado negro da biopirataria encontrou um aditivo que praticamente selou o destino dessa espécie, pois:

Do tigre praticamente tudo é aproveitado. Dos ossos são feitos os mais variados remédios para tratamento de úlceras, febre amarela e malária. A pele se transforma em tapete para enfeitar salas de estar. Os bigodes são usados como amuletos para proteger contra tiros de armas de fogo. Mas o mais trágico é a sopa que se faz usando como ingrediente principal o pênis do bicho. Afrodisíaco, o prato é bastante requisitado nos restaurantes de Taiwan, China e Coreia (CAPELAS JR, 1994).

Na Amazônia, território, por excelência dos mitos e das lendas, há a mística de que o perfume ou o óleo preparado a partir da genitália da bota possui poderes afrodisíacos

⁶BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente. 2ª Edição, Rio de Janeiro, 2004.

⁷LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R. Conservacion de los delfines de rio, Inia geoffrensis y Sotalia fluviatilis, en la Amazonia Peruana. Manejo de Fauna Silvestre en la Amazonia, 2003.

semelhantes aos dos tigres da Ásia. A crença nesse poder de atração sexual alimenta o imaginário caboclo contribuindo também para a sua caça indiscriminada. Nos tradicionais mercados do Ver-o-Peso, em Belém, ou no Adolpho Lisboa, em Manaus, misturado às plantas e ervas naturais, podemos encontrar essa “poção feromônica” sendo comercializada com nomes tipo “agarradinho”, “perfume da bota” e “dama da noite”. No entanto, o seu maior algoz é a pesca da piracatinga.

Tanto num caso como no outro, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas. Enfim, também é um aspecto fundamental da existência histórica dos homens a ação pela qual podem ou reproduzir as relações sociais existentes, ou transformá-las, seja de maneira radical, quando fazem uma revolução, seja de maneira parcial, quando fazem reformas (CHAUI, 1984). E o homem deixa, então, transparecer a rudeza de sua animalidade, na luta pela existência (ARAÚJO, 1956).

Quisera que os botos, tal qual o pintor chinês, perseguido por credores, pudesse pintar um ganso na parede, montar nele e fugir voando (WAGNER, 2010). Ou, como nas lendas dos povos colombianos, lhes crescessem pernas para correr, ou asas para voar (LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R, 2003) a fim de fugir dessa desastrosa e inebriante atividade econômica.

Mas como na fábula de Orwell, aprendemos, e da forma mais taciturna possível, que a *intelligentsia* do mundo animal não evoluiu ao ponto de adquirirem consciência de sua força. Daí os homens não teriam o menor poder sobre eles, deixariam de explorá-los de modo muito semelhante à maneira como o proletariado é explorado pelos ricos. Os animais iriam adquirir fala, inteligência e a coragem de derrubar seus exploradores humanos. Mas fábula é utopia e, no final, os animais descobririam amargamente que “todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros”.⁸

De forma específica, a partir destas informações, recomenda-se um trabalho de educação ambiental na região para que sirva de base para pesquisas mais específicas. O índice de mortalidade de botos e jacarés existe e precisa ser mais estudado, para futuramente serem realizadas medidas mitigadoras para prevenir impactos negativos à comunidade pesqueira da região, além de tentar reduzir a mortalidade dos golfinhos amazônicos.

Do contrário, personagem do folclore brasileiro, o boto, pai dos filhos sem pai da Amazônia, agora, corre o risco de virar, literalmente, uma lenda.

⁸ ORWELL, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Referências

ALMEIDA, Simão Farias. **Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais**. João Pessoa: Ideia, 2017.

ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. Manaus: Fênix, 1956.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. Manaus: EDUA, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOTERO-ARIAS, Robinson; FRANCO, Diogo de Lima; MARMONTEL, Miriam. **A mortalidade de jacarés e botos associada à pesca da piracatinga na região do Médio Solimões – Amazonas, Brasil**. Tefé-AM: IDSM, 2014.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2ª Edição, Rio de Janeiro, 2004.

BEZERRA, Ararê Marrocos. **Amazônia, Lendas e Mitos**. Belém, TELEPARÁ – e Centro Cultural de Arte e Folclore da Amazônia – CECAFAM, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CAPELAS JR, A. **Nas garras da Extinção**. in: SOUZA, J. Os Caminhos da Terra. ed. 26, ano 3, n. 6, São Paulo: Azul, jun., 1994. p. 30 – 37.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1972.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed. da UnB, 2000.

EHLERS, Eduardo. **O que é agricultura sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. et.al. **A vida Social das Comunidades do Lago de Manacapuru (AM)**. In: A pesca na Amazônia Central. Manaus: EDUA, 2009.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

HARRIS, Mark. **Presente Ambivalente: Uma Maneira Amazônica de Estar no Tempo** In: Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006, (81-108).

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

LATOUCHE, Serge. **Pode a África contribuir para resolver a crise do ocidente?** IV Congresso Internacional de Estudos Africanos. Barcelona, jan. 2004.

LEATHERWOOD, S.; REEVES R. R. **Conservacion de los delfines de rio, Inia geoffrensis y Sotalia fluviatilis, en la Amazonia Peruana. Manejo de Fauna Silvestre en la Amazonia**, 2003.

McGRATH, David. et al. **Varzeiros, Geleiros e o Manejo dos recursos naturais na Várzea do baixo amazonas**. In: cadernos do NAEA da UFPA, nº 11, 1993 (91-122).

MEGALE, Nilza. **Folclore brasileiro**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1999.

NUNES, Angélica. et.al. **Guia de identificação das principais espécies de peixes comercializados como “douradinha”**. Manaus: Editora INPA, 2017.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos: um conto de fadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

POPULAÇÃO de botos cai pela metade em 10 anos. Jornal Diário do Amazonas. 06/05/2018.

RAPOZO, Pedro Henrique Coelho. **Territórios sociais da pesca no Rio Solimões: usos e formas de apropriação comum dos recursos pesqueiros em áreas de livre acesso**. Manaus: EDUA, 2015.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Amostra do populário maranhense: lendas, crenças e outras histórias da tradição oral**. São Luís: Ed....., 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.